

O Espectro

ARTUR LEITÃO
Director político

■ PROPRIEDADE E EDIÇÃO DA "LVMEN" ■
■ Redacção e Administração: Rua do Mundo, 95, 3.º — LISBOA ■

F. VALENÇA
Director artistico

FASES DO PODER



Soprado pelo Congresso
No Ginásio do Camões
Vitorino fol ao «Maximo»
Das suas aspirações.

Porém, na hora presente,
Cheia de incerteza e tédio,
Guimarães, por mais que faça,
Não passa do termo médio.

Pouco vive quem não vir
Que lhe reserva o Destino
Passar de Maximo a minimo,
D'estadista a Vitorino.



fruta do tempo

...a rufo de tambôr e toque de corneta

LEMBRO-ME de ter lido, não sei ao certo onde, que a política é um ambiente de especialização. Assim como o exame duma tela ou duma escultura, deve ser feito a uma luz apropriada que lhe ponha em relêvo todos os valores, assim também um problema social precisa de ser colocado numa atmosfera propícia que lhe demarque todos os contornos e dê nitidez a todas as arestas. Fóra desse ambiente adequado, o assunto não obterá facilidades de análise, nem elementos de solução imparcial e generica, porque hão de vir a prejudica-la o choque de interesses restrictos, ou a intromissão de criterios simplistas, ou alguma outra, se não mais, das multiplas causas perturbadoras da serenidade, da ponderação, tacto e geito que se tornam imprescindiveis para as funções de estadista.

E agora pergunto: Os nossos meios politicos constituem porventura, nesta critica hora, os ambientes de especialização referidos na formula que cito e que tem tanto de sucinta como de bem achada?

Inutil me parece desperdiçar papel e tinta com a produção de provas convincentes do contrario. E se fosse preciso aduzi-las, dispensavel seria um largo balanço historico, pois que uma simples re- senha dos acontecimentos que vieram á supuração nesses tormentosos dias do meado de abril, continha razões de sobejo para persuadir-nos a todos. Estamos em face de uma verdade evidente, que escusa, pois, de ser verificada. Os agrupamentos politicos portuguezes descambaram para o ensimesmismo. Encaram os problemas da nação como as mulheres encaram os espelhos. Veêm-se a si proprios e são, para tudo o resto, da mais espessa e intratavel cegueira...

Ha efectivamente, nos meios politicos portugueses uma especialização, mas essa, em vez de ser esclarecedora, é deformante. Não coincide com o meio social — sobrepõe-se-lhe.

Desta maneira, succede que um problema de interesse colectivo, quando penetra no ambiente po-

litico, muda-se desde logo num caso de interesse da clientela. Dá-se, nessa diferença de ambientes, o nacional e o partidarista, o mesmo que acontece á ponta duma vara que se mergulha num tanque: a vara refracta-se, — entorta. Mas a inflexão da vara é um mero ilusionismo de ótica, ao passo que um problema nacional quando mergulha, quando chafurda nas aguas estagnadas da nossa politiquice, fica tão real e verdadeiramente torto, como um chifre, com sua licença.

E como se a falencia fraudulenta de tantos politicos não fosse, já de per si, um prenuncio de catastrophe suficientemente aterrorisante, outro veio juntar-se-lhe que é de pôr os cabelos em pé a quem não seja, por completo careca de bolbos pilosos e de sentimentos democraticos: no assanhado jogo da politica, as espadas são outra vez trunfo! Os poderes do Estado, consignados no estatuto fundamental da Nação, foram acrescidos por um poder novo — a caserna! A pustula monarchica das Juntas do Norte — ameaça recidiva.

Com intuitos republicanos, alega-se. E' uma léria tragica, esse remendo, essa desculpa...

O mal é o mesmo — e dos mesmíssimos efeitos. Se, de pronto, o não atalharem, vamos para o fundo — a rufo de tambôr e a toque de corneta.

Compreende-se o militarismo politico na Espanha monarchica.

Lá tem toda uma serie de antecedentes historicos a tornarem-no logico, porque os absurdos possuem tambem uma logica. Porém, na Republica Portuguesa, é a maxima das ineptias, é a ultima das degradações, é a suprema demencia.

E sobre este particular, disse o bastante.

Tencionava escrever mais. Era proposito meu alargar-me em comentarios causticantes, energicos. Afinal, sinto-me tomado por uma inibição que não sei o que seja, porque é uma indefinivel mistura de melancolia, de desalento e de pudor... Medo não é.

Não é medo, ouviram bem?

A. L.

JARRÔES...

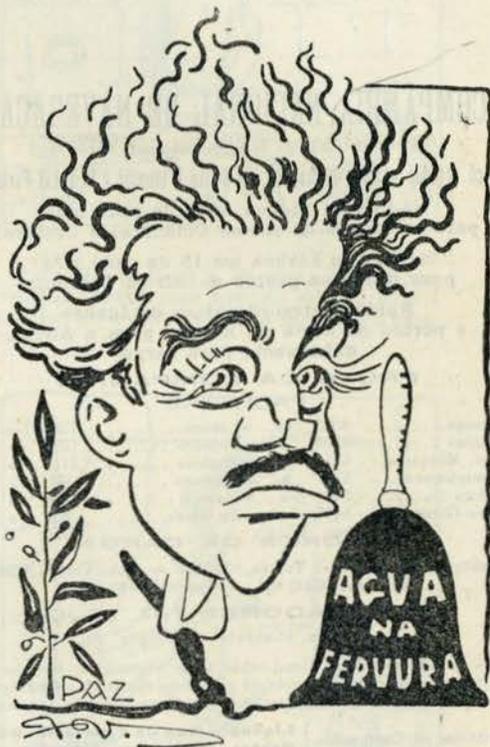
Èle é Domingos e talvez por isso
Tem o seu nome feitos de acalmia...

Quando há, no Parlamento, reboição
E a gente da política bravia
Rompe à mocado
E arreganha a dentuça, como os cães,

Acaba tudo, tudo fica em nada,
Se tu, oh bom Domingos, intervens...

Logo a tranquilidade se refaz,
Logo há paz,
Logo a Nação retoma a confiança,
— Pois nos domingos é que se descança...

Detesta as situações de furta-côres...
Não tem a ância de ordenados pingues...



D. P.

(Presidente da Câmara dos deputados)

E notem, meus caríssimos senhores,
— Que êle é Domingos, mas não é Domingues...

Èle é Domingos e também Pereira.
Desta maneira,
Sempre vem a propósito dizer
Sem ofender,
Aquela piada
Já tão coçada
Como se fôsse de macróbias eras:

— «É um estadista... e pèras!»

JACOB INO.

Companhia das Aguas de Lisboa

Sociedade Anonima de Responsabilidade Limitada

Capital 7:000.000\$00

No proximo dia 24, pelas 14 horas, proceder-se-á, publicamente, ao sorteio das obrigações desta Companhia, no seu escritorio, Avenida da Liberdade, n.º 20, em presença da Direcção e do Conselho Fiscal.

Lisboa, 19 de Junho de 1925.

O Director Delegado,
(a) C. A. Pereira

COMPANHIA NACIONAL DE NAVEGAÇÃO

Sociedade Anonima de Responsabilidade Limitada

Serviço regular entre a Metrópole e a Africa Ocidental e Oriental Portuguesa

Saídas de Lisboa em 1 de cada mês para os portos de Africa Ocidental e Oriental

Saídas de Lisboa em 15 de cada mês para todos os portos da Africa Ocidental

Saídas extraordinárias de Lisboa e portos do norte da Europa para a Africa, unicamente para carga

FRUTA DA COMPANHIA PAQUETES

| | | | | |
|--------------------|-----------|----------------|-----------|--------------------|
| «Nyassa»..... | 8965 Ton. | «Luabou»..... | 1385 Ton. | } Ser. de cabotag. |
| «Angola»..... | 8305 » | «Chinde»..... | 1382 » | |
| «Lour. Marques»... | 6355 » | «Manica»..... | 1116 » | |
| «Moçambique»... | 5771 » | «Belama»..... | 985 » | |
| «Africa»..... | 5491 » | «Albos»..... | 884 » | |
| «Pedro Gomes»... | 5471 » | «Ambrizo»..... | 858 » | |

VAPORES DE CARGA

«Cubango», 8300 ton. — «S Tomé», 6350 ton — «Cabo Verde», 6200 ton
«Dondo», 6000 ton — «Congo», 5080 ton.

REBOCADORES NO TEJO

«Tejo», «Cabinda» e «Congo»

Todos os vapores desta Companhia têm frigorificos, luz electrica, excelente acomodações e todos os modernos requisitos de navegação, proporcionando aos Srs. Passageiros viagens rápidas e comodas.

Escritórios da Companhia } Lisboa: — Rua do Comércio, 85.
} Porto: — R. da Nova Alfandega, 34.

ANVERS, Eife & Co, Quai van Dyck, 10. — HAMBURGO, Agentes: — E. Th. Lind, Alsterdamm 39 Europahaus. — ROTTERDAM, H. Van Krieken, P O B 662.

Telefones: — P B X 2365 a 2370 — Administração — Chefe do Expediente — Informações — Tesouraria e Passagens — Comissariado e Serviços Médicos — Engenheiros (Cais e Fundição) — Cais da Fundição — Depósito e Armazens.

BANCO DE PORTUGAL

Sociedade Anonima de Responsabilidade Limitada

CAPITAL 13:500.000\$00

SÉDE-Rua do Comercio, 148

LISBOA

CAIXA FILIAL no PORTO

Agencias em todas as capitais dos distritos administrativos do Continente e Ilhas dos Açores e Madeira, na Covilhã, Figueira da Foz, Guimarães, Lamégo, e Setubal, e Correspondencias Privativas em Elvas, Extremoz, Loulé, Olhão e Vila Nova de Portimão.

Correspondentes nas principais terras do País e mais importantes praças do Estrangeiro

OPERAÇÕES: — Descontos, transferências, empréstimos e créditos em conta corrente, compra e venda de cambiais, cartas de crédito sobre praças estrangeiras, depósitos de dinheiro e valores, e todas as transações que pela natureza especial da sua instituição lhe são permitidas.

SERVIÇO DA REPÚBLICA

MINISTÉRIO DAS FINANÇAS

É aberto concurso para a aquisição pelo Estado, por intermédio do extinto O. mi-sariado Geral dos Abastecimentos, de 15.000 000 (quinze milhões) de caixinhas de fosforos de madeira (amorfos ou de cera), nas seguintes bases:

- 1.º — O tipo de fosforos deve ser de qualidade não inferior á dos até agora fabricados pela Companhia Portuguesa dos Fosforos — como amorfos de luxo.
- 2.º — Cada caixinha d verá conter, pelo menos, quarenta palitos fosforicos.
- 3.º — A apresentação das propostas, que devem ser acompanhadas das amostras respectivas, com indicação dos preços correspondentes C. I. F. Tejo, deverá ser feita até 5 de Julho p. futuro.
- 4.º — Em igualdade de condições de preço e qualidade será preferida a proposta que garantir dentro de menor prazo a entrega dos produtos em Lisboa.
- 5.º — O pagamento será feito por meio de abertura de credito irrevogavel a satisfazer contra entrega do jogo dos documentos de embarque.

6.º — O Governo reserva-se a faculdade de não adjudicar nenhuma das propostas apresentadas, caso não convenham.

7.º — É condição indispensavel para ser admitido ao concurso, que o proponente prove ter feito o deposito, á ordem do Governo Português, de cinquenta mil escudos na Caixa Geral de Depositos, ou o seu contra valor nos Banqueiros do mesmo Governo, em Londres, Bering Brothers Ltd., em Paris, Credit Lyonnais.

Realizada a adjudicação e para ser feito o contracto, será este deposito elevado ao dobro como garantia do seu integral cumprimento.

8.º — Quando depois de feita a adjudicação e dentro dos cinco dias a contar da data daquela, não for pelo proponente ou seu legitimo representante assinado o contracto, será perdida a favor do Estado a importancia do deposito provisorio.

E, quando assinado o contracto, este não for integralmente cumprido por parte do adjudicatario, será aquele considerado rescindido, revertendo a favor do Estado o deposito definitivo.

Lisboa, 6 de Maio de 1925.

O Comissario Geral dos Abastecimentos — José Augusto Sá da Costa

O feiticeiro (Continuação)



— O anel de esponsaes de minha augusta filha, desapareceu, disse-lhe Brutus XXXVII logo que Caracol chegou à sua presença. Sei que és feiticeiro e dou-te até amanhã para me dizeres onde ele se encontra sob pena de morte!



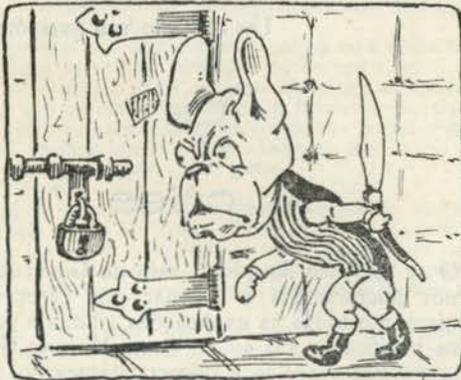
Para lhe dar toda a liberdade de reflectir, mandou-o meter num sombrio calabouço onde o deixaram a pensar na triste sorte que o esperava.



Ora, o anel de S. A. tinha sido roubado por três criados do palacio, a quem a chegada do adivinho tinha aterrorisado: — Com este diabo estamos «caçados»!... E resolveram desembarracar-se dele.



No entretanto o pobre macaco passeava pelo cárcere, na esperança de encontrar meio de se safar. E lançando mãos á obra, começou a arrancar.



um dos varões de ferro da janela. Um dos ladrões, armado de enorme navalha, veio nesse momento colar a orelha á porta do cárcere.



Ao mesmo tempo o Caracol, tendo conseguido arrancar o varão, exclamava: — Emfim!... cá tenho o primeiro! E este não me resistirá, senão.

(Continúa no proximo numero.)

As grandes reportagens

O que nos diria o sr. Victorino Guimarães se o fôssemos entrevistar

S. Ex.^a receber-nos-ia no seu gabinete do Ministério das Finanças e, sem mais aquelas, atirar-nos-ia á cabeça:

— A Ordem está assegurada!

— Pois está! E a libra? Desce?

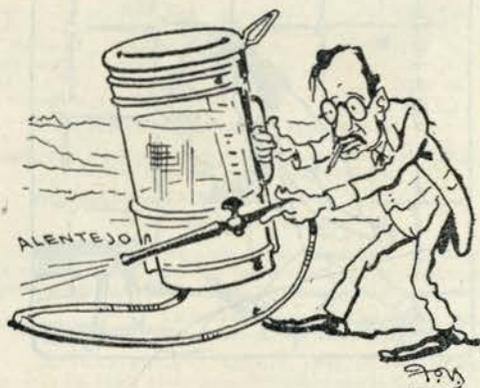
— Talvez, se eu ainda assegurar mais a Ordem!

— As eleições?

— Deixe-me primeiro assegurar a ordem! Depois tenho grandes planos! O equilíbrio orçamental será um facto no dia em que a receita fôr igual á despesa!

— Bravo! — diziamos nós cheios de admiração. Entretanto...

— Vou tratando de pôr a Ordem em ordem! Depois desenvolverei a agricultura! Irrigarei o Alentejo! Para isso mandarei fazer um irrigador gigantesco!



— Oh! — diríamos pasmados — Entretanto...

— Vou tratando da Ordem! Encherei o paiz de estradas! Para isso, mando cortar aos bocados a estrada da Povia e divido os bocados por todo o Portugal!

— Ah! — fariamos boquiabertos — Entretanto...

— Vou assegurando a ordem!

— E questão do Funcionalismo! Diz que passa fome!

— Isso sempre é passar alguma coisa! No entanto aumentarei dois contos a cada director geral e cinco tostões a cada terceiro oficial!

— E a nossa marinha de guerra?

— Ah! Isso será falado! Armarei todos os navios com navalhas de ponta e mola!

— Mas, entretanto...

— Vou assegurando a ordem que é completa!

A proposito! — e voltando-se para o continuo. — Diga para o Quartel do Carmo que me preparem o quarto e reforcem as sentinelas! Dizem que ha boatos! Ah! Mas a ordem é completa!

— V. Ex.^a é *canhoto*?

— Às vezes! Outras *bonzo me* muito razoavelmente!

— E com respeito á exportação?

— Homem! Você ainda quer mais?! Só a exportação que eu tenho feito para a Guiné?! E repare que fazendo isso, apenas tive em mira desenvolver o comercio dessa provincia ultramarina!

— Como!

— Pois você não percebe?! Como já não ha por cá quem faça bombas, quando forem precisas para alguma revolução, é á Guiné que temos de ir comprá-las!

— Sublime!

— Eu posso não saber governar, podem dizer que estou no poder ha muito tempo e ainda não fiz nada, podem afiançar que isto tudo vae peor, mas quanto ao resto, tenho dado grandes provas de capacidade!

— Ninguem duvida!

— Só a data de ordem que eu tenho desenvolvido em todo pais! Olhe que desde esta manhã que não ha boatos de revolução!

Constatariamos gostosamente a evidencia do facto e depois, com uma venia, pediríamos licença para retirar.

S. Ex.^a estender-nos-hia as mãos afavelmente, dizendo:

— Aperte a que quizer. Se é pelo Antonio Maria tome a direita, se prefere o Zé Domingues, vá pela esquerda! E fixe bem que a ordem está assegurada! E' verdade! Deixa-me pôr tudo de prevenção nos quartéis!

E S. Ex.^a ficaria a telefonar para toda a parte, recomendando a maxima vigilancia porque a ordem reinava definitivamente.

UM QUE NÃO TEM ESTE ÔLHO.



A crise

O sr ministro da guerra saiu do Governo. Estamos auctorisados a afirmar que carecem de fundamento todas as explicações vindas a publico para justificar a sua saída. O sr. Mimoso Guerra compreendeu, em face dos constantes boatos de nova revolução, que se impunha o seu abandono das cadeiras do poder. Nesta altura seria inconcebível, realmente, um Ministro da Guerra—*Mimoso*. Se isto não vai com mimos...

Abençoado progresso!

Na America do Norte ha seiscentas estações de radio-difusão, e pela telefonia sem fios toda a gente recebe, em casa, informações, noticias, musica, conferencias e teatro. Mas os americanos são umas bestas.

Os ingleses, que vão pelo mesmo caminho, toda a gente sabe que são uns estupidos.

Os francezes, consentindo a emissão de concertos até na Torre Eiffel, que é uma estação militar, não passam de uns pedaços de asno. Até os parvos dos espanhoes estão construindo estações cada vez mais potentes de transmissão radio-telefonica, tentando emparelhar assim com os outros idiotas que, para vergonha da humanidade, tendem a regressar á barbarie dos tempos primitivos, pois é sabido que o pitecantropo nunca consentiu que lhe instalassem no fundo da caverna um telefone da rede.

Inteligentes, espertos, progressivos, só nós.

Nas estatisticas de radiofonia não aparece, felizmente, o nome de Portugal.



Nos Congressos internacionaes não comparece, honra lhe seja, nenhum representante de Portugal.

Estamos limpos do peçonhento virus!

Havia por ahi, é certo, uma escassa meia duzia de retrógrados que se ia deixando contaminar, e, seguindo o péssimo exemplo dos selvagens de alem-fronteiras tinham começado a transmitir em telefonia sem fios alguns serões de musica. Sem fios, note-se bem, chegaram ao desaforo de espalhar por esse paiz fora o canto da sr.^a D. Alice Pancada, as guitarradas do sr. Julio Silva, os gorgeios da sr.^a D. Auzenda de Oliveira. Os autores do nefando crime não foram ainda deportados para o Baixo Cubango por um excesso de benevolencia dos poderes publicos, mas a policia foi-lhes aos postos e selou-os.

A imprensa n o aludiu nmiamente ao caso, mas a noticia chegou ás regiões sertanejas da Europa Central e os canibaes ainda por cima se riram das nossas autoridades! Temos sob os olhos uma revista de Bruxelas que relata o facto e em vez de apoiar como era de boa justiça o gesto policial, termina com o singelo e laconico comentario:

Les portugais sont toujours gais!

Os imbecis!

Tambem alguns mal intencionados espalham que a selagem dos postos foi devida a méra confusão. As estações officiais, ignorando o que seja ao certo um posto de radio-emissão, teria tomado a nuvem por Juno e na suposição de que se tratava de productos de perfumaria fez-lhes aplicar a recente lei do selo.

Mas o que é certo é que esses postos, interditos durante o periodo de suspensão de garantias, prosseguem selados e Portugal pode continuar a vangloriar-se de marchar na vanguarda da civilização.

Com efeito, se fosse uma casa de bitota, vá que a policia fechasse os olhos. Se se tratasse de uma honesta manufactura de cedulas falsas ou de um modesto laboratorio de



bombas explosivas, compreendia-se uma tolerancia benevola das autoridades. Mas um posto de emissão radiofonica, com fados e musica de camara, não. Era impossivel transgír.

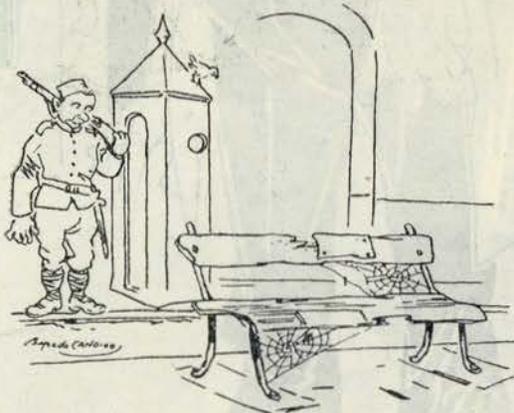
Ocorre-nos agora, para terminar, a seguinte anedota:

Defronte de certo quartel de infantaria, á beira de um jardim publico, havia um banco onde o transeunte fatigado podia praticar esta ignominia: descansar.

Ora o banco estava usado e tinha mau aspecto. Uma vez, o tenente de serviço chamou um fachina e mandou-lhe dar uma lambusadela de tinta. Mas por uma razão de simplicidade e afim de evitar que algum desprevenido se sentasse ali emquanto a tinta estava fresca, preveniu a sentinela que prohibisse o uso do banco fosse a quem fosse.

No dia seguinte o official foi nomeado para qualquer commissão de serviço e nunca mais tornou ao quartel.

A prohibição porém é que continuou a ser fielmente transmitida nas instruções das sentinelas. O banco lá está, no mesmo jardim, defronte do mesmissimo quartel, cada vez mais velho e ressequido. Ha seis anos que ninguém se senta nele. E o mais curioso é que a razão da singular medida se apagou totalmente da memoria dos homens.



A selagem dos postos de radiofonia foi um golpe de mestre. Com todo o aspecto de uma disposição transitoria que não devia prolongar-se além da suspensão de garantias, e atendendo a que tudo o que é transitorio nesta terra se transforma automaticamente em definitivo, podemos ter por certo que nunca mais se pensará no assunto.

A não ser que venha por ahi uma destas negociatas de costa arriba com exclusivos, monopolios ou coisa que o valha. Mas o *Espectro* não dorme. E', pelo contrario, das suas funções velar enquanto dormem os ingenuos...

A PORTA DA TABERNA



O BEBERRAO:—Então eu, que acabo de sair do «Copo de Vinho», estou direito como um fuso, e aquele, que salu agora do *copo d'agua*, val como um cacho?! . . .

Noivo indolente



O FUTURO SOGRO: — Minha filha e eu estranhâmos que o sr. — faltando tão pouco tempo para casar com ela — não tenha já tratado dos papeis! — Já sabe: para a outra vez será ela quem se encarregará d'isso. . .

OS EXILADOS

Peça em um acto, prègada por dois illustres personagens

(A cèna representa o Chiado, à noite)



SANTO ANTONIO *(habito de frade, capuz pela cabeça, traz um vaso com mangerico, aproximando-se de Camões que o recebe de viscira calda)*

Faz favor de me dizer:
Se esta cidade é Lisboa?

CAMÕES *(mal humorado)*

Essa agora é muito bôa!
O Santo não sabe lêr?

SANTO ANTONIO

Já estou um pouco esquecido
Só me dedico aos sermões...

(afirmando-se)

Mas... julgo ter conhecido
Vocelencia: é o Camões?

CAMÕES *(sorrindo)*

Não se engana o taumaturgo
— Mas como eu sou popular! —

SANTO ANTONIO

E se a gente fosse dar
Uma volta pelo burgo?

CAMÕES

Este encontro teve graça!
E que vindes cà fazer?

SANTO ANTONIO

Queimar fogo, abrir a Praça...

CAMÕES

Eu venho á festa da Raça
P'ra me dar a conhecer...

SANTO ANTONIO

Mas qual Raça? A de Camões?
Daqueles de «um contra dez?»

CAMÕES *(baixo ao ouvido do Santo)*

Uma raça de intrujões
Que anda ahi pelos cafés
A magicar revol'ções...

SANTO ANTONIO

Como tudo está mudado...
Até os nomes das ruas!
Por toda a parte o pecado...

CAMÕES

E as senhoras quasi nuas
De rosto serapintado!...

SANTO ANTONIO

Serão mulher's portuguesas,
Ou simplesmente mundanas?

CAMÕES *(sorrindo)*

Tambem eu tive surpresas...
Olhe: as festas Camoneanas
Chamam-se agora *Camõesas!*...

(Vendo Santo Antonio persignar-se)

Mas... o Santo não tem medo
Da Lei da Separação?

SANTO ANTONIO

Isso mais tarde ou mais cedo,
Dava em droga...

CAMÕES

Tem razão.
Muita asneira se tem feito,
Tanta promessa a cumprir...

SANTO ANTONIO

E o Zé Povo, satisfeito?

CAMÕES *(tristemente)*

O Zé Povo anda a dormir...

SANTO ANTONIO

E onde estão, que os não descubro,
Os heroes republicanos?

CAMÕES

Fugiram ha quinze anos
No dia sete d'Outubro!

SANTO ANTONIO *(animando-se)*

Mas, — permita que lhe diga —
Se assim é, a monarquia
Talvez em breve consiga...

CAMÕES *(rapidamente)*

Isso não, porque a barriga
Tem mais força e repelia-a.

SANTO ANTONIO

E é p'ra a esquerda que se faz
Ou p'ra a direita o manejo?

CAMÕES

Não meu Santo, é para traz,
Deu-lhe o mal de carangueijo...

(Uma pausa)

SANTO ANTONIO *(tristemente)*

Com que então, pedras em poço:
Trôno, cétro, c'rôa e rei?

CAMÕES *(num encolher d'ombros)*

Emquanto existir um osso...
A fome é negra... Não sei...

SANTO ANTONIO *(deixando cair o capuz)*

Vou-me á vida; vae-se a esp'rança...
Creio bem no que me diz.

(estende-lhe a mão)

Volto ao exilio... p'ra França

CAMÕES *(deixando cair a viseira)*

Adeus Manoel de Bragança
Volto ao exilio... Paris!

(O pano cae lentamente)

JOÃO RATÃO.



DR. ANTONIO SARDINHA

"AO RITMO DA AMPULHETA"

LIVRO POSTUMO

EDIÇÃO DA "LVMEN"

À venda em todas as livrarias

CAFÉ TAVARES

TODOS OS DIAS:
ALMOÇOS E JANTARES CONCERTOS

Salas reservadas para banquetes

Companhia de Moçambique

GOVERNO DO TERRITORIO DE MANICA E SOFALA

SÊDE-Largo da Biblioteca Publica, 10-LISBOA

COMITÉ DE LONDRES

Thames House — Queen Street Place
LONDON, E. C.

COMITÉ DE PARIS

17, Boulevard Haussman
PARIS

Movimento Comercial em 1923

| | | |
|-------------------------------|----------------|-----------|
| Importação..... | 4.374.373\$00 | Esc. ouro |
| Exportação..... | 6.560.358\$00 | » » |
| Reexportação..... | 21.331.648\$00 | » » |
| Baldeação..... | 6.145.418\$00 | » » |
| Trânsito..... | 9.999.619\$00 | » » |
| Cabotagem..... | 2.201.151\$00 | » » |
| Total do Movimento Comercial: | 50.612.567\$00 | » » |

PAPEIS DE FUMAR
ZIG-ZAG

Os melhores papeis do mundo

Double — Simples — Alcatrão
— Ramsés — Ambrée
Ponta Dourada

Acabam de chegar

PREÇOS OS MESMOS

Pedidos á

CASA HAVANEZA
124, RUA GARRETT, 124
LISBOA

CASA AÇORIANA
FARIA & SOUZA, L^{DA}

ARMAZEM DE MERCEARIA E CONFEITARIA

116 RUA DA PRATA 118
28 RUA DE S. NICOLAU 32

Ed. Telegr. P. L. F. A. S. 771, 5.2525

LISBOA

NOVIDADES LITERARIAS

- EUGENIO DE CASTRO
Chamas uma candeia velha
- JOÃO AMEAL
Claridade
- CARLOS D'OLIVEIRA
Codigo Administrativo (ano-
tado)
- JOSÉ MOURISCA
Transgressões

Edições da "LVMEN"

A VENDA EM TODAS AS LIVRARIAS



Protesto

NÃO nos está positivamente no feitio, nem nos quadra á faceira risonha, o ar carrancudo dos que protestam, mas é que a coisa passa das marcas, assume, até já proporções de concorrência desleal.

Queremos referir-nos ao que se tem passado nas ultimas sessões dos Deputados. Em vez da sizudez, que importa a uma assemblea legislativa, aquilo tem sido um fervilhar de piadas, de trocadilhos e *calembourgs*, que mais parece um café que um parlamento.

Se os excelentissimos representantes da Nação entendem enveredar assim pelos dominios do humorismo, tornando o «Diario das Camaras» num concorrente aos jornais da especialidade, então passamos nós a publicar os projectos de lei apresentados por suas excellencias e veremos, depois, quem tem mais graça.

A premio

UM diario da noite oferece um premio a quem, em certo dia e certa hora, primeiro perguntar pelo telefone de que côr são os olhos duma tal cançonetista espanhola.

Salvo o respeito pela iniciativa do colega diario, parecia-nos que melhor aplicado seria o premio a quem provasse ter obtido uma ligação telefonica em primeira mão, ainda que fosse para perguntar de que côr era o cavallo branco de Napoleão.

A ex-agua

LISBOA de novo se encontra a beijos com a falta de agua, e dizemos a beijos e não a braços, porque até para beber o precioso liquido não chega.

Desde o pai Adão, que foi o primeiro consumidor do genero, que é sabido que no verão a agua diminue por varias razões de ordem fisico-meteorologica, produzindo-se abundantemente a estiagem, que a Companhia se encarrega de fornecer aos domicilios a um escudo e vinte centavos, cada metro cubico.

Pois, apesar da antiguidade deste conhecimento, todos os anos por esta epoca de calmas governo, Companhia e consumidores esperam que se pro-

duza o milagre da multiplicação dos liquidos, aguardando mesmo algumas pessoas mais crenes que entre as pedras das calçadas brotem esguichos de capilé, com a respectiva casquinha de limão.

Felizmente que coincide sempre com a falta de agua uma epoca de chuva; — de chuva de alvitres, que só servem para desorientar os espiritos pelo pitoresco dos alvitranes.

Mais uma

ESCREVE-NOS um «leitor curioso» a perguntar se da demissão do sr. Mimoso Guerra, da pasta da dita, poderão resultar quaisquer inconvenientes politicos.

A experiencia autorisa-nos a supôr que não. Provou-se no grande conflito europeu que na guerra é necessario o *roulement*, e é este o principio que está sendo aplicado entre nós, substituindo se periodicamente os militares que estão à frente... do ministerio da guerra. Com este governo já são dois ministros que vão no *roulement*.

Outro congresso

DEPOIS do congresso dos democraticos, no liceu de Camões, o congresso peninsular para o progresso das sciencias, reunido na Universidade de Coimbra.

Este ultimo, apesar da presença do sr. Costa Lobo que não se sabe bem como é que será capaz de contribuir para o progresso scientifico, foi manifestamente um congresso de sabios. Mas o que tambem se não pode negar é que o primeiro, o congresso do P. R. P., igualmente apesar da presença do ingenuo deputado Pina de Moraes, foi um congresso de sabidos.

Recepções

A Tuna Academica de Coimbra veiu a Lisboa dar uns saraus no Coliseu. Na estação do Rossio nem um estudante lisboeta, sequer, aguardava a chegada dos rapazes coimbrões que vinham de visita á Capital.

Seria porque a «briosa», como lá por Coimbra se alcunha a Academia, tivesse perdido ou comprometido o prestigio tradicional da capa e batina da beira do Mondego?

Parece que não. Ao que consta, a mocidade lisboeta estava a fazer provisão de entusiasmo receptional para acolher os jogadores italianos de *foot ball*, que eram esperados poucos dias depois a fim de estreitarem mais os laços do intercambio do pontapé.

O MELRO.



Da boca dos cantadores

Na noite de S. João



O «Diário de Notícias» celebrou o dia de Santo Antonio com varias quadras em que poetas muito distintos se permitiram o divertimento de cantar ao desafio. O «Espectro» que procura seguir as pisadas dos grandes jornais, resolveu comemorar de forma identica o dia de S. João. Seguem as quadras que conseguimos reunir :

Isto agora é que vae ser!
S. João, tens que contar:
Bonzos, em cima, a bater
Canhotos sempre a levar...

Antonio Maria da Silva.

Julga o péra que venceu...
Coitado! não é por mal
Se ele até se converteu
E mudou p'ra radical!

José Domingues dos Santos.

S. João, santo adorado!
Meu anjo, meu querubim,
Quando é que sou despachado
Para ministro em Berlim?

Jaime de Sousa.

Isso lá mais devagar!
Que o senhor Veiga Simões
É capaz de preparar
Algumas revoluções!

Pedro Martins.

Oh! meu S. João de Braga
Santo das moças querido
Acaba com essa praga
Dos bonzos do meu Partido!

Sá Pereira.

O Sá P'reira é boa peça...
Não ouças o que ele diz
E vê se trazes depressa
O Afonso de Paris.

Nunes Loureiro.

Oh! meu S. João Baptista
Oh! meu santo marinheiro:
A gente nacionalista
Não pode estar no poleiro?

Ginestal Machado.

Tu já sabes, Ginestal:
Havemos de estar por baixo
Emquanto o Cunha Leal
Mandar em vez do Camacho.

Ferreira de Mira.

Fui ministro, deputado
No Directorio o primeiro...
E agora, abandonado
Aqui estou... no Limoeiro!

Pestana Junior.

Sahiste do Directorio
Foste vaiado, corrido
Não és Pestana, és Gregorio
O Gregorio do partido.

Vitorino Godinho.

Meu rico S. Vitorino
Tens um altar numa igreja...
O Pestana fez-se fino
Agora nem pestaneja!

Americo Olavo.

O Godinho está tão bravo...
Sem ninguem saber porquê.
Acaso o Americo Olavo
Terá votos na C. P.?

Menezes Ferreira.

S. João, viva a folia
O pagode, a reinação
Que o Santo Antonio... Maria
Já quer a concentração!

Moura Pinto.

Concentrados? Tô carócha!
Intrigas do Mira... Pinto
Mais do Ferreira da Rocha!
Eu não deixo! Eu não consinto!

Cunha Leal.

Oh! Camoezas, responde:
As regras da biologia
Permitem que seja um conde
Ministro em democracia?

Rodrigo Rodrigues.

Ministro um conde? Que horror!
E toda a gente se agacha...
Não me quiz governador
Mas encaixei-me na Caixa!

João Camoezas.

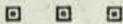




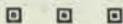
DO INFORTUNIO DE SER CRITICO

(Conclusão)

E afinal para quê, santo Deus? É porventura indispensavel a critica dramatica? Que funcção necessaria exerce ella? Que aproveitam dela as pessoas a quem é dirigida? Nunca li, nem ouvi dizer que um autor, um actor, um emprehario, tivessem emendado os seus erros com as lições da critica. De resto, a competencia dum critico é sempre discutivel. Sacha Guitry escreveu algures: — «*Les critiques? Il n'y entendent rien. Sans cela ils feraient de bonnes piéces*». É uma *boutade*, mas vamos com Deus que se pode applicar á quasi totalidade dos criticos. Por mim entendo que a Critica teria razão de existir se, porventura, os individuos destinados a ser criticos nascessem com um sexto sentido especial que tornasse as suas opiniões uniformes e infalíveis. Mas se, a cada passo, vemos o snr. A achar excelente a peça que o snr. B acha detestavel, delirar com os méritos duma artista que o outro acha execravel! E notem que estão ambos de boa fé e ambos dizem aquilo que na verdade sentem. Como para mais os seus *verdictuns* são falíveis, como anos depois se considera ás vezes obra prima uma peça que á nascença foi enterrada, afinal devemos chegar á conclusão que Critica propriamente dita não existe. O que ha é a opinião do snr. Fulano ou do snr. Beltrano, que vale quanto para nós valem os bestuntos do sr. Beltrano e do snr. Fulano. E como succede, de quando em quando, não valerem nada, não compreendo porque certos criticos se dão a incomodo de nos comunicar as suas impressões e porque tanta gente se irrita com ellas.



Se fosse director dum jornal, eu não teria critica dramatica nas minhas colunas. O publico faria o seu juizo sósinho, o que de resto está habituado a fazer. A maior parte d'êle não lê a critica das gazetas. Vae ao teatro porque já tem opinião anticipada sobre o autor, porque conhece os actores, porque prometeu á familia uma noite de distração, porque lhe ficou em caminho ou porque ouviu dizer a alguém que a viagem não era mal empregada. E tudo o mais são historias que interessam ás três escasas centenas de pessoas que mais directamente se preocupam com o teatro. O publico gosta se gosta e, para ele gostar, nem sempre é necessario que a peça seja boa ou bem representada. Podem chamar-lhe burro ou 'inteligente que não será isso que alterará a carreira duma obra ou dum artista um milimetro que seja. Afinal enganase menos do que parece. Tem desprezado obras primas e aplaudido mediocreses? Não ha duvida. Mas quando o seu juizo firma definitivamente uma obra, quando ella é resposta anos depois, quando faz dinheiro — na phrase cruel dos bilheteiros e dos contratadores — é possivel que não seja uma incontestavel maravilha, mas é infalivelmente uma peça boa. Quando êle estima durante trinta ou quarenta anos um artista, é porque êle é estimavel.



Por isso, quando vejo um critico depois de ter fritado os miolos, colhido inimidades, sido por vezes insultado e

caluniado, passar na rua com a convicção de ter uma missão na vida e sentar-se nas plateias com o ar de quem diz: — «Meus amigos, cá estou eu!», não posso deixar de me sorrir, não por menos reverencia — valha-nos Deus! — mas porque com o tempo me fui convencendo de que essa, apesar de tudo, apreciavel classe dos criticos é absolutamente inutil e todas essas pessoas ou pessoasinhas estão perdendo momentos preciosos que bem melhor poderiam aproveitar ficando em casa.

Diz se que certas pessoas exercem critica para irem ao teatro de graça, serem falados, poderem circular nos bastidores e cavaquear com a fauna e a flora dos bastidores, para emfim terem sem dificuldade um pé onde só pagando poderiam pôr os quatro. Diz-se tambem que outros se servem d'ella, da critica, para tratarem da vidinha, inpingirem uma peçaróla ou arranjam uma tradução ..

A isso ser verdade — o que não acredito — compreenderia então porque sempre ha bicha para se angariar um logar de critico dramatico, o tal que eu hoje em dia só desejaria ao meu pior inimigo.

P. S. — Depois de escrito este artigo leio num jornal francez que Antoinne, hoje uma das vozes mais activas da critica do seu paiz, consultado ácerca da possivel influencia d'ella, explicou:

— «Sobre os autores nula e êles têm rasão. Sobre o publico eficaz quando unanime e fraca nos outros casos. Não ha um critico capaz de levar cem espectadores a uma peça.»

Notem bem que não fui eu quem pediu ao creador do Teatro Livre que dissesse semelhante cousa. E êle — com seiscentos diabos — entende do caso um pouco mais que nós todos.

ANDRÉ BRUN.

Vicente Arnos

Um parentesis de recolhimento e meditação se abre aqui, nestas paginas que riem por dever de castigar. De recolhimento, porque a dôr se não exteriorisa teatralmente e em grandes frases, antes quanto mais sentida é mais nas almas se concentra; de meditação, porque a morte de Vicente Arnos lança em duvida e em perturbação quantos conviveram com esse gentilissimo espirito, eleito da Bondade e fadado do sentimento criador da Beleza.

Ah, é bem para meditar esta implacavel injustiça da Morte, cuja foice simbolica parece preferir aqueles que honram nobremente a vida, regrando a sua passagem por entre os seus semelhantes pelos suavissimos dictames dum ilimitado Amor!

Problema resolvido



— Estudar mais? Não quero! É uma estopada
Que dispõe muito mal.
Sempre as lições, o risco da chamada...
Quando afinal
Não tenho gelto algum p'ra fazer nada!

— Filho, escuta! O sacrifício que eu fiz
Não ficará baldado.
O acto eleitoral 'stá por um triz...
Propões-te deputado
Vais a S. Bento e salvas o paiz!